



Das problemáticas abordadas na obra *Becos da Memória* às suas vinculações ao ensaio *O Direito à Literatura*

Giovana Buch Sgrignoli (UNESPAR)
(giovana.buch@gmail.com)

Sandro Adriano da Silva¹ (UNESPAR)
(profsandrounespar@gmail.com)

Resumo: O presente trabalho visa ressaltar a relação entre a obra *Becos da Memória* (2018), de Conceição Evaristo, e algumas reflexões explicitadas por Antonio Candido, no ensaio *O Direito à Literatura* (2011 [1988]), sobretudo em face do aspecto humanizador da Literatura, proposto pelo crítico. Além de discutir a condição de literatura como *bem incompressível*, objetiva-se relacionar os oito traços essenciais de humanidade, aventados pelo autor (*o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, e o cultivo do humor*), em cotejo com alguns temas que podem ser evidenciados no romance evaristiano, como as relações étnico-raciais, o desfavelamento e o papel da memória. Por fim, salienta-se como, pela voz da protagonista, Maria-Nova, o poder de transformação social que a Literatura reconhece, as complexidades do viver social, suas implicações e quais influências ocasionam àqueles que nela estão representados.

Palavras-chave: Literatura brasileira; *Becos da Memória*; direitos humanos, Conceição Evaristo.

Abstract: The present work aims to highlight the connection between the literary work *Becos da Memória* (2018), by Conceição Evaristo, and some reflections exposed by Antonio Candido, in the essay *The Right to Literature* (2011[1988]), especially in face of the Literature's humanization aspect. In addition to discussing the condition of literature as incompressible wealth, it aims to relate the eight essential traits of humanity, suggested by the author (*the exercise of reflection, the knowledge acquisition, the good disposition for others, the thinning of emotions, the capacity of penetrating in life's problems, the sense of beauty, the perception of the world's and beings' complexity, and the humor cultivation*), in comparison to some themes that may be emphasized in Evaristo's novel, such as ethnic-racial relations, the threat of the ending of slums and the memory role. Lastly, it stands out, by the protagonist's voice, Maria-Nova, the power of social transformation which the Literature recognizes, the complexities of the social living, its implications and what influences are caused to those who in it are represented.

Keywords: Brazilian Literature, *Becos da Memória*, human rights, Conceição Evaristo.

¹ Orientador.



“Maria-Nova queria sempre histórias e mais histórias para sua coleção. Um sentimento, às vezes, lhe vinha. Ela haveria de recontá-las um dia, ainda não se sabia como. Era muita coisa para se guardar dentro de um peito só”.

(Conceição Evaristo, *Becos da memória*)

A Literatura em seu domínio oferece ao leitor a possibilidade de criar imaginários e contextualizar-se na realidade e suas complexidades que se diferem com relação ao contexto social em que são discutidas ao longo dos textos, assim, através da problematização do contexto sócio-histórico, a Literatura busca impactar o leitor. Destarte, em *Becos da Memória* (2018), de Conceição Evaristo, é possível observar que a personagem protagonista e narradora do romance, a menina Maria-Nova, provoca o leitor e à leitora, através da escrita de suas memórias, nutrida do despertar frente ao que ocorre com a problematização de uma realidade de vida comum à vivência nas periferias do Brasil: a violência, a miséria, a exclusão. É por meio desse despertar que a obra ocasiona ao leitor e à leitora com relação às peculiaridades de um grupo social e por meio dos aspectos estéticos da obra por Evaristo, que podemos relacioná-la ao ensaio *O Direito à Literatura* (2011) de Antonio Candido.

Isto posto, delinear a importância que o título assume na obra, uma vez que, está estritamente permeado de sentidos que são interpretados na narrativa. Na perspectiva de Genette (2009), trata-se de um título temático, posto que propõe “uma sinédoque generalizadora que será, se quisermos, uma homenagem à importância do tema no “conteúdo” de uma obra” [que] “exige uma análise semântica singular” (p.77). Essa natureza de titulação contempla também uma outra característica, segundo Genette, qual seja, a de “ordem constitutivamente simbólica, é o tipo metafórico” (p. 78) [...], e, claro, a relação temática pode ser ambígua e aberta à interpretação” (p. 79), na qual pode-se encontrar casos de “encavalamento entre metáfora e metonímia, e nada pode impedir um [...] sentido simbólico” (p. 79).

Dessa forma, o título, *Becos da Memória*, nos leva a interpretar que a existência dos “becos” da favela tem relação com uma vida de “becos”, isto é, como os becos nas favelas brasileiras se caracterizam por serem estreitos, desordenados, emaranhados e labirínticos. A vida, repleta de relações interpessoais, possui relações que se cruzam, em que todos se



conhecem e conhecem muito bem onde vivem, uma vida cheia de relações fortes, entrelaçadas apesar da pluralidade labirínticas. Na condição de elemento espacial no romance, os “becos” apontam também para índices de representação do espaço e da memória social e coletiva

Tomada na perspectiva de Halbwachs (2004), a *memória coletiva* promove a coesão social entre os grupos e suas lembranças. Dessa forma, a memória individual, elaborada a partir das referências partilhadas em grupo, refere-se a “um ponto de vista sobre a memória coletiva” (HALBWACHS, 2004, p. 20). Esse ponto de vista pode ser narrado, como no romance de Conceição Evaristo, considerando que o espaço ocupado pela narradora no interior do grupo, guardam relações de identificação étnica, social e cultural. (HALBWACHS, 2004). Ademais, em *Becos da Memória*, a *memória* é a relação entre as recordações da menina afrodescendente que narra o romance, mas também, é a relação presente em memórias coletivas de um povo, memórias que são caracterizadas por discursos ideológicos, classes sociais, discrepâncias econômicas, entre outros aspectos, pois, ao relembrar, por meio da memória, é recordada uma realidade de um grupo social que vive em determinadas condições socioeconômicas e sociopolíticas, que habita em um espaço geográfico específico.

Memória trata de História desses espaços. Os locais, como propõe Assmann (2011), “solidificam e validam a recordação, na medida em que a ancoram no chão, mas também, por corporificar uma continuidade da duração que supera a recordação relativamente breve de indivíduo” (p.318). Para a autora, os locais oferecem ao observador – e, no caso do romance, a narradora protagonista – “uma memória de que ele na verdade participa como indivíduo, mas que o transcende amplamente”. (ASSMANN, 2011, p. 319), por tratar-se, no caso de *Becos da memória*, de uma memória espacial de diferentes aspectos. O primeiro é a chamada memória de *locais das gerações*. Esta categoria proposta por Assmann (2011), refere-se a locais “de uma força de memória especial [que] é antes de tudo sua ligação fixa e duradoura com histórias de família” (p. 320). O tecido social comunitário, a despeito da fragmentação do núcleo familiar e da própria condição da iminente destruição da favela, mantém coeso no âmbito da tragédia social. Outra característica é a de *locais traumáticos*, “onde se cumpriam atos [...] em que o sofrimento assumiu caráter exemplar.. Registros feitos com sangue – como



perseguição, humilhação, derrota e morte – têm um valor de destaque na memória mítica, nacional e histórica” (ASSMANN, 2011, p. 348).

A obra, por sua vez, retrata a vida em uma favela brasileira como local traumático, que está à beira do “abismo”, em outras palavras, a autora pontua que os personagens estão vivendo um processo de desfavelamento. Assim, este povo, desprivilegiado econômico e socialmente em todos os aspectos quando em comparação às classes mais altas da sociedade, vive a infeliz, experiência de reviver um processo sócio-histórico que ocorreu ainda no século XIX, o processo de expulsão devido à urbanização na então capital brasileira, Rio de Janeiro.

O surgimento das favelas pela expulsão de pessoas que viviam em cortiços ou em moradias precárias no centro do Rio de Janeiro foi uma tentativa de “higienização” da cidade, como descreve Queiroz Filho em seu texto “Sobre as Origens da Favela (*the origins of the favela*)”, no livro, o processo é semelhante, pois aquele mesmo povo, anteriormente obrigado a se retirar de suas moradias e se realocar em locais distantes e periféricos, é desprovido de direitos novamente sendo vítimas de uma sociedade capitalista que visa apenas o olhar dos “fortes” sem considerar o que os “fracos” têm a dizer. Tal situação faz com que exista um desequilíbrio repentino na favela e ocasiona um amplo desalento entre os moradores dos becos ali presentes:

Os tratores da firma construtora estavam cavando, arando a ponta norte da favela. Ali, a poeira se tornava maior e as angústias também. [...] Todos sabiam que a favela não era um paraíso, mas ninguém queria sair. Ali perto estava o trabalho e a sobrevivência de todos. O que faríamos em lugares tão distantes para onde estávamos sendo obrigados a ir? [...] Aqueles tratores trariam tanta tristeza, trariam desgraça até. (EVARISTO, 2018, p. 50)

O processo de desfavelamento trazia um sentimento de vazio naqueles que habitavam o local. Apesar da esperança existente nos “corações” daqueles cidadãos, havia a necessidade de viver em desequilíbrio, sem saber a hora que seria ou não a vez de ir embora da favela, havia a necessidade de viver como se fossem enclausurados em um tempo em que enclausuramento fora da prisão é crime, ou seja, estariam eles revivendo o que os negros do século XVIII viveram no Brasil? A personagem Maria-Nova, menina negra, observadora, crítica sobre aquilo que vê e presencia, faz uma notória associação entre a realidade da favela



em comparação às senzalas, aguçando a gravidade do que o povo da periferia viverá em tais momentos de angústia. Maria-Nova narra as seguintes considerações ao recordar de suas marcantes memórias: “Maria-Nova divagava em um pensamento longínquo e próximo ao mesmo tempo. Duas ideias, duas realidades, imagens coladas machucavam-lhe o peito. Senzala-favela.” (EVARISTO, 2018, p. 51), ameaçados,

ou melhor, confrontados diante do desfavelamento, um desânimo amolecia a vontade de todos. Emoções confusas tomavam conta de Maria-Nova e a menina procurava se equilibrar em meio a tantos acontecimentos. A conduta de Vó Rita, de Bondade e de Negro Alírio sinalizava para ela que era preciso insistir. Ela queria seguir a caminhada, inventar alguma saída, mas ainda não atinava como. Sabia, por sua própria vivência, que na favela se concentravam a pobreza e mesmo a miséria. Percebia a estreita relação de sentido entre a favela e a senzala [...]. (EVARISTO, 2018, p. 92-93).

Frente a este cenário, visto que, a maioria dos moradores da favela não eram alfabetizados, tampouco letrados, o personagem Negro Alírio desempenha importante papel na narrativa. Negro Alírio, que felizmente conseguiu estudar, atuava com simpatia na favela tentando ensinar e mostrar aos moradores daquele local, que eles poderiam fazer mais, entender melhor o que estava acontecendo, compreender como lutar por aquilo que era seu por direito, e que estava a cada dia sendo tirado mais e mais em frente aos olhos de todos. As ações de Negro-Alírio buscavam conscientizar aquele povo desesperançado. Negro Alírio incorpora o papel de ativista na comunidade, como pode-se ver nos excertos do romance:

Negro Alírio motivava todo mundo a aprender a ler. Antes de tudo, explicava que era preciso que todos aprendessem a ler a realidade, o modo de vida que todos viviam. Em cada local de trabalho, Negro-Alírio fazia novos irmãos, se bem que entre os patrões ele sempre ganhava novos inimigos. [...] Negro Alírio, contudo, teimava em dizer que aquilo não era vida. Que os grandes, os fortes, os que estavam do lado de lá, queriam que todos os do lado de cá fossem realmente fracos, bêbados e famintos. E o pior, eles queriam dirigir o nosso ódio contra nós mesmos, queriam que fôssemos inimigos. [...] Havia os problemas das crianças, que, com o desfavelamento, perderam as vagas nas escolas ao se mudarem no meio do ano e não encontravam vagas próximas do lugar para onde iam. Negro Alírio, um dia, no intervalo do almoço, correu à escola que atendia as crianças da favela. Era preciso um documento que garantisse a matrícula das crianças em outras escolas. Esta era a preocupação maior de Negro Alírio. Para ele, a leitura havia concorrido para a compreensão do mundo. Ele



acreditava que, quando um sujeito sabia ler o que estava escrito e o que não estava, dava um passo muito importante para sua libertação. (EVARISTO, 2018, p. 66; 95; 98-99).

Para além da questão do desfavelamento, aquela população da periferia tinha tantos outros problemas sociais para lidar. Durante a narrativa, Evaristo põe a nu a violência contra a mulher e como pouco ou nada faziam para aboli-la. Sabe-se que hoje, no Brasil e no mundo, a violência contra a mulher se faz presente e é discussão recorrente entre as autoridades, porém ainda existem lacunas a serem tampadas para assegurar a integridade da mulher, como a questão de a penalidade ao agressor se fazer mais eficiente, tanto que no dia 25 de novembro, com o *Dia Internacional de Luta Contra a Violência à Mulher*, é sempre destacado o impacto que a violência contra a mulher traz às vítimas e à sociedade como um todo. Se a mulher ainda sofre com a violência, seja física, psicológica, moral, sexual ou patrimonial, a coletividade sofre com uma ferida social. Para ilustrar a abordagem da temática pela autora é importante observar a realidade representada pelo personagem Fuinha e sua família:

Havia a miséria do homem que ainda não se descobriu homem. Do homem que não se descobriu em si próprio nem no outro. Havia a miséria que nem o amor de pessoas como Vó Rita, como Bondade e como Negro Alírio, que chegou ali bem mais tarde, podia resolver. Havia a miséria das pessoas que trazem o coração trancado para qualquer ato de amor. E essas pessoas acabavam atraindo para si o ódio de todos os demais. Fuinha era uma dessas pessoas. [...] Maria-Nova tinha muito medo de Fuinha. Sempre que passava em frente ao barraco dele apertava os passos. Uns diziam que ele era louco, outros que era maldoso, perverso, e que nada de louco tinha. Conversava, andava, falava, trabalhava normalmente. Aparecia no armazém de Seu Ladislau, tomava banho ali naqueles quartinhos em que os homens se banhavam, bebia uns goles de pinga, falava e até ria um pouco para alguns, e ia embora. Quem sofria nas mãos dele era sua mulher e sua filha Fuizinha. Vivia espancando as duas, espancava por tudo e por nada. Os vizinhos mais próximos acordavam altas horas da noite com o grito das duas. Era mau o Fuinha. Diz que ele tirava a roupa das duas e batia até sangrar. Se elas choravam baixinho, batia até que elas gritassem e depois batia até que elas calassem. [...] Eles não recebiam nem faziam visitas. [...]. Um dia a mãe de Fuizinha amanheceu adormecida, morta. Os vizinhos tinham escutado a pancadaria na noite anterior. A mulher gritará, gritará, a Fuizinha também, também. [...] Ele era dono de tudo. Era dono da mulher e da vida. Dispôs da vida da mulher até à morte. Agora dispunha da vida da filha. Só que a filha, ele bem queria viva, bem ardente. Era o dono, o macho, mulher é para isto



mesmo. Mulher é para tudo. Mulher é para a gente bater, mulher é para apanhar, mulher é para gozar, assim pensava ele. O Fuinha era tarado, usava a própria filha. (EVARISTO, 2018, p. 54; 55).

Ainda sobre os problemas da favela, havia em ano de eleição a farsa forjada pelos políticos. A cada ano eleitoral os sujeitos iam até a favela – visitavam a favela somente nessa época – e discursavam suas propostas de governo bem como o que trariam de bom para a comunidade. Hipócritas. O discurso dos políticos não passava de “fachada”, a comunidade nunca era atendida, como sempre os menos favorecidos são deixados de lado: “Em época de eleição, apareciam por lá candidatos a votos e juravam que fariam alguma coisa por nós. [...] Não queriam nem ouvir nossas vozes. [...] Às vezes ganhavam; quando isso acontecia, a nossa situação era a mesma, nós éramos os que não ganhavam nunca”. (EVARISTO, 2018, p. 80).

Por outro lado, na favela de *Becos da Memória* também havia pessoas e circunstâncias boas a serem lembradas por Maria-Nova. Desta forma, Maria-Nova narra algumas memórias de Vó Rita, outra personagem marcante no romance. Vó Rita era uma mulher negra de presença, por onde passava todos sabiam que ela estava lá, com voz memorável cantarolava por onde ia. Ela era também uma pessoa que ajudava a comunidade da maneira que podia, compaixão e empatia ela tinha em abundância, como afirma a narradora:

Sempre sabíamos quando Vó Rita estava chegando. Ela vinha cantarolando ou falando sozinha, às vezes, até sozinha sorria, gargalhava mesmo. E não era louca, Vó Rita! Vó Rita era boa, muito boa. Hoje, quando penso em Vó Rita, é como se pensasse no mistério e na plenitude da vida. [...] Vó Rita era a parteira da favela. Muito marmanjão e marmanjona haviam sido nenéns nas mãos de Vó Rita. Todos gostavam dela. Quantas vezes um fuzuê estava armado e, se ouviam a voz de Vó Rita por perto, cada contendor tomava o seu rumo. [...] O amor de Vó Rita desarmava qualquer um. Diz que até o Fuinha tinha certo respeito por ela. [...] (EVARISTO, 2018, p. 48; 60).

Além disto, a própria narradora das memórias discorre a respeito de um desejo honroso e belo, o desejo de se tornar escritora e deixar registrada a realidade que vivia entre os becos da favela e entre a luta de todos que ali moravam. Mesmo vivendo em um ambiente desprovido de estímulos ao estudo, à leitura, Maria-Nova desejava se tornar escritora e concretizar a história daquele povo através de suas palavras:



Maria-Nova olhou novamente a professora e a turma. Era uma história muito grande! Uma história viva que nasceu das pessoas, do hoje, do agora. Era diferente de ler aquele texto. Assentou-se e, pela primeira vez, veio-lhe um pensamento: quem sabe escreveria esta história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente. (EVARISTO, 2018, p. 101).

Antes de que a relação entre o romance *Becos da Memória* seja explanada em cotejo ao ensaio *O Direito à Literatura* faz-se relevante apontar isoladamente aspectos pertinentes ao ensaio de Candido. Portanto, é importante salientar que Antonio Candido escreveu o ensaio *O Direito à Literatura* em 1988, ou seja, num cenário de constante redemocratização após o fim da ditadura militar e com a então publicação da Constituição Federal (CF) de 1988. À vista disso, como a mudança da Constituição é um fator de grandíssima relevância, cabe ressaltar dois artigos que se conectam estreitamente com o discurso abordado em *O Direito à Literatura* de Antonio Candido. Na CF de 1988 o Art. 5º estabelece que “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza [...]” (BRASIL, [2020]) e no Art. 6º são expressos os “direitos sociais” a todos os cidadãos incluindo a educação e o lazer (BRASIL, [2020]). Portanto, como Candido trata a Literatura como um bem incompressível, assume a posição de que esta deveria ser um Direito Humano a ser garantido, ou seja, possivelmente incluído aos “direitos sociais” no Brasil e que, como é essencial, a Literatura deveria ser acessível a todos os cidadãos, visto que a lei deve garantir a igualdade de direitos a todos.

E é frente à Literatura como um bem incompressível que Candido ressalta sua importância social por meio de oito traços humanizadores essenciais que ela provoca ao leitor e à leitora como,

o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 2011, p. 180).



Estes oito traços humanizadores são os responsáveis por tornar a Literatura um bem essencial ao ser humano, pois, esta contribui ativamente para a manutenção da integridade humana. A Literatura é humanizadora, pois, também possibilita a emancipação intelectual do indivíduo e a absorção de conhecimento por meio de aspectos fomentados desde a reflexão ao cultivo do humor, como afirma Fritzen (2019) em seu texto “‘O Direito à Literatura’ trinta anos depois”. Portanto, com o caráter humanizador da Literatura, Candido defende sua garantia como um Direito Humano, um direito social, para que todos tenham acesso às produções literárias por meio da intercomunicação entre os níveis culturais, desde a produção literária erudita à produção literária popular e de massa, e possam desfrutar de seus benefícios coletivamente (FRITZEN, 2019).

A partir do supracitado, cabe explicar melhor a relação entre *Becos da Memória* e o ensaio *O Direito à Literatura*. Logo, em primeira análise, em *Becos da Memória*, as histórias narradas na favela mostravam ao leitor e à leitora a quão problemática poderia se dar a vida de um povo que vive na periferia e talvez não só nela, talvez o reflexo de uma nação e colocam em evidência o protagonismo negro, considerando-se tanto as personagens quanto a autoria.

No andar da diegese as histórias escritas, por mais que sejam fruto da criatividade e imaginação humana, da literariedade, conduzem o leitor e a leitora a se inserirem nas delicadas situações do ambiente de vida em uma comunidade e refletir sobre elas, levantando reflexões como: por que ainda governantes cometem atos de despejo contra um povo que pouco ou nada tem? A questão da associação Senzala-favela, como após muitos anos decorridos da abolição da escravidão poderiam ainda pessoas se encontrarem em situação de vida tão ameaçadas? Por que uma parcela tão grande da população brasileira não tinha acesso à educação de qualidade e tampouco incentivo a frequentar a escola para adquirirem liberdade intelectual e social? ou ainda, como a violência contra a mulher ainda se dava de forma tão explícita à sociedade e as atrocidades dos agressores pouco eram punidas? Políticos, qual o motivo de tanta desonestidade para com seu povo? A quem a população deve acreditar? Como uma nação se desenvolve positivamente se os próprios governantes não se dão ao trabalho de se dedicarem à ela? Qual o papel dos ativistas na sociedade? Qual a função social daqueles que buscam a harmonia por onde vivem?



Estas e outras anomalias sociais e aspectos virtuosos da vida em sociedade podem ser inferidos através da leitura da obra *Becos da Memória* e podem fazer com que o leitor e a leitora sejam humanizados, como de acordo com Candido, pois estes experienciam processos cognitivos e psicológicos que permitem a reflexão acerca da gravidade dos problemas, da capacidade empática para com o sofrimento das personagens, da aquisição do conhecimento de mundo, do aprimoramento de suas emoções frente à fragilidade que aqueles indivíduos presenciam socialmente, da ciência quanto a complexidade humana e de suas relações como exposto durante toda a diegese e do senso de beleza ao interpretar o que para aquele povo retratado é belo.

Para mais, por meio das emoções ocasionadas ao ler um texto literário, o leitor e a leitora podem interiorizar sentimentos e sensações tão vívidas quanto a realidade, assim, inconscientemente, absorvem o que leem e criam relações com suas vivências, percebem assim a gravidade das situações histórico-sociais que lêem com as situações que vivem em sociedade, na realidade empírica. Cada texto literário busca impactar o leitor e a leitora com um objetivo diferente, seja conscientizar, alertar, entreter, entre outros. A Literatura é um instrumento social de transformação. Em *Becos da Memória*, os personagens criados por Evaristo, em destaque Maria-Nova e Negro Alírio, por meio das memórias na menina, vinculam o poder da leitura com a ação de transformação, o como a leitura pode resultar na salvação de um povo.

E, não somente nas memórias de Maria-Nova, a obra de Evaristo desperta a transformação no leitor e na leitora que se depara com ela. *Becos da Memória* faz com que o leitor e a leitora se tornem introspectivos no momento da leitura, reflitam, se abram para novas ideias e conhecimentos e após a leitura já não são mais o mesmo leitor e a mesma leitora de antes. Portanto, a Literatura, se com uso da fabulação, da produção vinda da criatividade e imaginação humana, é capaz de provocar ao leitor e à leitora tantos benefícios, mesmo que adquiridos inconscientemente, é então uma necessidade humana. É desta perspectiva que se insere a Literatura como um Direito Humano, pois a Literatura é um bem essencial ao ser humano à medida que é capaz de oferecer a ele um caráter humanizador, aquilo que traz ao ser humano integridade, uma vez que a literatura apresenta uma necessidade universal de fabulação, pois, “não há povo e não há homem que possa viver sem



ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contacto com alguma espécie de fabulação” (CANDIDO, 2011, p. 174).

[...] que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. [...] a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou da negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos. (CANDIDO, 2011, p. 186).

Outrossim, a maneira que Evaristo escreve o romance, criando uma história em que a narradora é a escritora de suas memórias e faz parte da narração, traz um nível de pessoalidade muito alto. Visto que, a Literatura, através de sua forma, isto é, por meio do uso da linguagem, de gêneros textuais instigantes, de organização estratégica da escrita pelo escritor, se torna passível de humanizar, a obra de Evaristo executa formidavelmente tal função, pois a autora utiliza uma linguagem descomplicada e utiliza da escrita narrativa, possibilitando a quem lê adentrar no íntimo do que está escrito e incluir-se na realidade narrada. Frente a esta característica da Literatura, *Becos da Memória* é uma obra que se encaixa com o que Candido estabelece com relação à forma do literário e efeito sobre o público leitor, para o autor a produção literária tira

[...] as palavras do nada e as dispõe como todo articulado. Este é o primeiro nível humanizador, ao contrário do que geralmente se pensa. A organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e o leva, primeiro, a se organizar; em seguida, a organizar o mundo. A mensagem é inseparável do código, mas o código é a condição que assegura o seu efeito. [...] Quando recebemos o impacto de uma produção literária, oral ou escrita, ele é devido à fusão inextricável da mensagem com a sua organização. [...] o conteúdo só atua por causa da forma, e a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido à coerência mental que pressupõe e que sugere. (CANDIDO, 2011, p. 177-178).

Por fim, *Becos da Memória* de Conceição Evaristo, que traz ao leitor e à leitora um fascinante despertar quanto às peculiaridades de uma vida na periferia, está estritamente relacionado com as concepções presentes em *O Direito à Literatura*, pois, Antonio Candido aponta conceitos fundamentais a respeito da produção literária como sua característica



humanizadora, sua existência como Direito Humano, entre outros aspectos, e *Becos da Memória* confirma em sua narrativa o poder humanizador que a Literatura pode suscitar ao leitor e à leitora, bem como as outras características da Literatura defendidas por Candido. Vale salientar que, como mencionado em ambas as produções, tanto de Evaristo como de Candido, a Literatura tem poder e deve ser um direito garantido legalmente aos cidadãos de um país, pois, é por meio dela que um indivíduo é humanizado e consegue fortalecer sua concepção de mundo, entendendo cada vez melhor como se dão as relações sociais, políticas ou de gênero, por exemplo, tal qual o desenvolver e o desfecho de problemas relacionados à educação, segurança pública, saúde e outros âmbitos comuns a uma população ou ainda compreender fatores relacionados à psique humana e outros planos que circundam o existencial do homem. Com a Literatura inserida no cotidiano dos indivíduos, a coletividade se transforma, se torna uma sociedade mais ciente e ativa, pois reconhece as complexidades do viver social, suas implicações e quais influências ocasionam àqueles que nela estão incorporados.

Referências

ASSMAN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Ed. Unicamp, 2011.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Presidência da República, [2020]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 31 ago. 2021.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

FRITZEN, Celdon. “O direito à literatura” trinta anos depois. **Contexto**. n. 35, Vitória, p. 78 a 95, fev. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/23018> Acesso em 21 de ago. 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

QUEIROZ FILHO, Alfredo Pereira de. Sobre as Origens da Favela (The origins of the ‘favela’). **Mercator**, Fortaleza, v. 10, n. 23, p. 33 a 48, nov. 2011. ISSN 1984-2211.



Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/651> Acesso em 16 de jul. 2021.